

Como falar de ESG sem falar de mulheres?



Silvana Pereira Rempel

- Engenheira de Materiais;
- Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais;
- Analista do Sistema de Gestão da Qualidade.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Sim, são elas que podem transformar a cultura de ESG na sociedade, especialmente por sua presença e representação nos diferentes ambientes de contexto desse tema.

Quando consideramos a representatividade feminina, devemos pensar no aspecto da responsabilidade social do ESG, onde a diversidade e inclusão devem ser observadas, visto estarem correlacionadas com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), mais especificamente com o ODS 5, que trata da equidade de gênero.

Entretanto, para além da diversidade e inclusão, precisamos pensar no papel das mulheres nos aspectos ambientais e de sustentabilidade. E nesse contexto, gostaria de destacar o relatório da ONU Mulheres “Justiça climática feminista: Um modelo para ação” de 2023, que destaca como as mudanças climáticas amplificam crises ao redor do mundo, que vão desde a desigualdade econômica até o impasse geopolítico, todas com impactos desproporcionais sobre mulheres e meninas.

Este relatório apresenta uma visão estratégica de justiça climática feminista, destacando a integração das mulheres na luta global contra o efeito das mudanças climáticas.

A ideia de justiça é que todos possam usufruir completamente dos direitos humanos, livres de discriminação, num planeta saudável e sustentável. Essa visão é desdobrada nos quatro R's:

Reconhecer os direitos, o trabalho e o conhecimento das mulheres

As políticas devem reconhecer que as mulheres podem oferecer conhecimentos e experiências únicas — incluindo as populações indígenas, rurais e jovens — que podem ser usadas para apoiar uma ação climática eficaz, através da vanguarda no ativismo climático, na formação de cooperativas e grupos para fortalecimento da produtividade e renda. Além disso, recursos financeiros de fomento a projetos desenvolvidos por mulheres podem melhorar o processo de inovação, gerando sustentabilidade e incremento de novos negócios para a sociedade.

Em termos de sustentabilidade, aspectos de uma agricultura regenerativa, voltada para se alcançar melhores práticas agrícolas com relação a saúde do solo, a biodiversidade, o ciclo da água e os ecossistemas locais, apresentam-se como um desafio para a sociedade, especialmente no que se refere as mudanças climáticas. Enquanto a agricultura convencional depende fortemente de insumos externos, como fertilizantes químicos e pesticidas, a agricultura regenerativa se concentra em trabalhar com a natureza e criar sistemas agrícolas mais sustentáveis e resilientes.

Nesse sentido, gostaria de destacar aqui meu projeto de mestrado que foi reconhecido por diferentes programas de incentivo para mulheres nas áreas STEM. Em 2019 fui selecionada para participar do programa Mulheres na Ciência e Inovação do British Council no Brasil e, em 2021, fui reconhecida como uma das 25 Mulheres na Ciência - América Latina pela 3M. Na pesquisa realizada, desenvolvi um nanopolímero para atuação na liberação controlada de feromônios e outros princípios ativos que podem ser utilizados no controle de pragas na agricultura, em substituição aos sistemas tradicionais baseados em agroquímicos.

Redistribuindo recursos econômicos

As políticas devem garantir que a transição para uma economia verde ajude as mulheres no acesso a oportunidades de emprego, terra, educação e tecnologia. Para reverter as mudanças climáticas, será necessário retirar recursos de atividades extrativas e ambientalmente prejudiciais e realocar naquelas que priorizam o cuidado com as pessoas e o planeta.

Representando as vozes e a agência das mulheres

Atualmente, as mulheres estão sub-representadas tanto no setor público como no privado. Para que políticas, ações e abordagens específicas de ESG possam ser eficazmente aplicadas em todos os setores, necessitamos de uma abordagem sensível ao gênero, ou seja, de maior representatividade feminina.

Reparando desigualdades e injustiças históricas

Os compromissos financeiros para combater as mudanças climáticas devem focar nas pessoas e países com maior risco. O relatório convoca os países ricos a cumprirem seus compromissos de financiar programas climáticos e garantir que os fundos cheguem aos países mais vulneráveis e às organizações femininas de base.

Desafios das mulheres em ESG

Estamos no século XXI, em pleno 2024, e ainda suportamos os desafios relacionados ao convencimento das lideranças empresariais sobre o que precisa ser feito e a urgência em relação a agenda ESG. Esse trabalho tem sido feito em sua maioria por mulheres que atuam nas áreas de sustentabilidade e ESG e precisam ser ouvidas quando estão sendo porta voz de assuntos estratégicos e que tratam da sobrevivência do negócio e da própria humanidade, considerando que já estamos convivendo com as consequências da emergência climática.

Se as mulheres são a maioria tentando convencer sobre o óbvio, os homens seguem sendo a maioria nos principais cargos de decisão das empresas. De acordo com pesquisas, 72% das empresas com alto desempenho de ESG possuem uma ou mais mulheres atuando no conselho de administração, e 52% possuem uma ou mais mulheres em diretoria, em contravérsia a esses resultados as companhias que apresentam baixo desempenho ESG esse número cai para 62% e 46%, respectivamente. É impossível criar resultados diferentes fazendo o mesmo de sempre – homens majoritariamente brancos e mais velhos. Quando as estruturas de poder se alteram, com mais diversidade e mais mulheres, consequentemente os resultados serão diferentes. Estar em posições de privilégio é ter na mão a chance de gerar oportunidades, de expandir, de provocar. Combater as desigualdades é traduzir a ambição das agendas globais em ações locais concretas, é medir ESG com quem está sendo impactado, é traçar metas ouvindo as pessoas.

Cada vez mais interligados, os temas de desenvolvimento sustentável e liderança feminina seguem lado a lado como forças motrizes para mudanças significativas na sociedade e no mundo corporativo. A valorização e incentivo de mulheres em todos os setores da sociedade é fundamental para que mulheres tenham voz e representatividade também em posições de poder e influência.